Territórios, memórias e transformações na produção científica em Psicodrama no Brasil

Marília Meneghetti Bruhn[1]

RESUMO

Desde a década de 1960, os primeiros artigos de Psicodrama no Brasil têm sido divulgados em periódicos científicos revisados por pares. A divulgação científica em acesso aberto do Psicodrama brasileiro contribuiu para democratizar o conhecimento, permitindo consulta gratuita, com impacto global. Mas, quais são as produções científicas sobre Psicodrama no território brasileiro? Quem são as autoras e os autores que compõem essas produções? Como esse Psicodrama foi se transformando ao longo do tempo? Qual o papel da Revista Brasileira de Psicodrama (RBP) e da Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap) nessa transformação? Qual produção científica de Psicodrama desejamos? O objetivo desta mesa redonda é discutir a produção científica sobre Psicodrama no Brasil, contando com a participação de 3 potentes interlocutores: Oriana Hadler, editora chefe da RBP, Érico Vieira, editor de seção da RBP e Gabriela Vidal, editora de seção da RBP e diretora de publicações da Febrap. Oriana apresentará a importância da representatividade das mulheridades na produção científica em Psicodrama, afirmando a potência das memórias e testemunhos em práticas contracoloniais. Érico mostrará o seu olhar sobre a produção científica psicodramática contemporânea, questionando se ela ocorre por uma perspectiva crítica. Por fim, Gabriela compartilhará o percurso da RBP e da Febrap na construção de produções científicas críticas como estratégia de fortalecimento do movimento psicodramático Ao invés de produzir respostas que se encerram em si mesmas, essa mesa se propõe a seguir a provocação de J. L. Moreno ao falar da ciência: “uma resposta provoca uma centena de perguntas”.

Palavras-chave: Psicodrama. Produção Científica. Crítica.

[1] Doutora e Mestra em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), Psicodramatista Didata (Profint), Professora Efetiva da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Editora-chefe da Revista Brasileira de Psicodrama, e-mail: marilia_bruhn@hotmail.com.



Tornar-se autoras: testemunho e memória na produção de conhecimento em Psicodrama

Oriana Holsbach Hadler[2]

RESUMO

Esta narrativa investiga o testemunho de mulheridades como ferramenta ético-política na produção de conhecimento em Psicodrama. A partir da constatação de uma mudança histórica nas autorias da Revista Brasileira de Psicodrama, busca-se compreender como o ato de narrar a partir do corpo-território tensiona estruturas patriarcais e coloniais. A fundamentação ancora-se no conceito de revolução criadora de J. L. Moreno, expandido por uma análise geopolítica que situa a espontaneidade dentro das hierarquias de opressão. Articulam-se as contribuições do feminismo crítico palestino e latino-americano, especificamente as obras de Sarah Ihmoud e Lina Meruane, para definir o testemunho como uma insurgência narrativa que desafia hegemonias acadêmicas e valida saberes subalternizados. Esse movimento encontra eco na práxis descolonizadora de psicodramatistas contemporâneas brasileiras, que utilizam o encontro socionômico como dispositivo de visibilidade de marcadores da diferença. Conclui-se que integrar o testemunho de mulheridades no Psicodrama promove uma mudança de paradigma ontoepistêmico, confrontando a misoginia estrutural e tornando a memória coletiva em semente de transformação social. Neste sentido, a da produção de conhecimento reafirma-se como um ato de retomada de territórios políticos e soberania narrativa, permitindo a ocupação de espaços de saber por identidades historicamente invisibilizadas.

Palavras-chave: Psicodrama. Gênero. Produção de conhecimento. Testemunho. Rebelião.

1 INTRODUÇÃO

"Quando se fala em discurso de ódio, muitos esquecem
que o primeiro discurso de ódio, historicamente
arraigado e cuja origem se perdeu, foi a misoginia."
Márcia Tiburi, 2026

1990. Ano de lançamento da Revista Brasileira de Psicodrama (RBP). Nesta data, mais da metade de seus autores são identificados por pronomes masculinos. Eis que 35 anos depois a história apresenta uma inversão: são autorias identificadas por pronomes femininos ou não binários que sobressaltam aos olhos quando abrimos as páginas do periódico (BRUHN; HADLER; SILVA, 2026). Fazendo o caminho do pensamento e da trajetória da formação em Psicodrama, lembro da pesquisa conduzida por Andréa Claudia de Souza, Mara Sampaio e Roberto Galassi Amaral compartilhada pela Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap) que lançava a seguinte questão: "Quais as suas referências femininas no Psicodrama?" e isto

[2] Doutora em Psicologia Social (UFRGS), psicodramatista (IDH-RS), professora adjunta do curso de Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e orianahadler@gmail.com.



transborda o desejo de discutir sobre o cruzamento gênero versus produção de conhecimento no Psicodrama.

A proposta deste trabalho é refletir sobre o testemunho como ferramenta ético-política no saber, na pesquisa e na prática psicodramática, pensando em como o ato de narrar a partir do corpo das mulheridades[3] tensiona as estruturas de poder patriarcais e coloniais. A justificativa para esse debate reside na necessidade de visibilizar as vozes que historicamente são silenciadas nos cânones acadêmicos, mas que sustentam as redes de saber, resistência e produção de mundo no cenário do Psicodrama enquanto campo onto-epistêmico.

2 DESENVOLVIMENTO: por uma revolução criadora feminista e geopolítica

Ainda que breve, a fundamentação deste trabalho ancora-se na ideia da revolução criadora moreniana (MORENO, 2012), compreendida não apenas como um fenômeno estético ou clínico, mas como um imperativo ético de transformação social. A revolução criadora pressupõe a recuperação da espontaneidade para que os sujeitos deixem de ser meros reprodutores cristalizados em conservas culturais e passem a ser coautores de suas histórias e coletividades. No entanto, para que essa revolução ocorra no cenário neoliberal de violências sistêmicas, é preciso estar situada dentro de uma análise de geopolítica e territorial, tramada e atravessada por uma série de outros marcadores interseccionais.

A noção de geopolítica e território aqui não são apenas relacionadas a um espaço geográfico delimitado, mas dizem respeito a um corpo-território atravessado por heranças coloniais e disputas de poder (VOMERO, 2022). Isso significa dizer que a hegemonia no âmbito da produção de conhecimento impõe quais vozes são validadas e quais são silenciadas e, nesse contexto, o ato de testemunhar torna-se uma ferramenta de resistência política (IHMOUD, 2022). Entende-se que a revolução criadora só se torna possível quando há o reconhecimento das hierarquias de opressão (de gênero, raça, classe, etnia, geopolítica, entre outros…) que moldam os corpos em cena, permitindo que o Psicodrama atue como um dispositivo de descolonização das subjetividades e de retomada de territórios de vida.

A produção de conhecimento sob a ótica da crítica feminista palestina e latino-americana emerge como insurgência que desafia a hegemonia do saber cientificista. Ao articular Ihmoud (2022) e Meruane (2025), compreendemos que o testemunhar-se exige uma escavação de memórias ancestrais, reconhecendo o corpo como o primeiro território de resistência. Longe de ser um receptáculo passivo, este corpo-território é o lugar onde violências coloniais e patriarcais são confrontadas pela narrativa viva. Assim, o testemunho extrapola o individualismo neoliberal para converter-se em um dispositivo que desafia hegemonias acadêmicas e valida saberes subalternizados. Para Ihmoud (2022), testemunhar é fazer corpo com a memória coletiva, transformando o silenciamento em ferramenta de denúncia e

[3] Este termo foi cunhado por bell hooks (2019), propondo discutir o ser mulher para além de uma suposta natureza biologicista e feminina, sustentando a pluralidade das vivências e as questões interseccionais que atravessam e constituem a experiência desse lugar.



afirmação soberana. Não se trata apenas de narrar vidas, mas de reivindicar o corpo como lugar de produção de verdade. Esse processo descoloniza a história oficial, conectando ancestralidade e luta presente, convertendo a vivência situada das mulheridades em fundamento para uma nova justiça social.

Essa perspectiva encontra ressonância direta nas produções contemporâneas da Revista Brasileira de Psicodrama, onde o fazer socionômico de psicodramatistas como Vidal e Dias (2023), Silva e Vomero (2025) e Ribeiro (2023) operam como testemunho para uma práxis descolonizadora. Nestas autoras/es, o encontro psicodramático se torna um dispositivo de visibilidade de marcadores das diferenças e a revolução criadora se manifesta na ruptura com as conservas coloniais de interdição e opressão (VOMERO, 2022). Assim, o pensamento dessas psicodramatistas se entrelaça aos posicionamentos das pesquisadoras palestinas em diáspora mencionadas na medida em que todas tomam a experiência situada de mulheridades como fundamento para uma ciência que não descreve e observa a realidade, em uma tentativa de apreende-la, mas a tensiona, reafirmando que a produção de conhecimento é, inerentemente, um ato de retomada de territórios políticos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: mulheridades, saberes e rebelião criativa

Há aqui o convite para pensarmos, e vivermos!, uma mudança de paradigma ontoepistêmico. Ao integrar as contribuições de um feminismo crítico palestino atuante enquanto força de resistência, o Psicodrama recoloca suas práticas como uma ferramenta de libertação social. Essa integração permite confrontar o que Márcia Tiburi (2026) define como o primeiro discurso de ódio, a misoginia, revelando-a como uma marca estrutural que tenta apagar a autoria das mulheridades sobre a vida. Ao denunciar essa violência historicamente arraigada, o testemunho no espaço dramático opera como um contra-discurso coletivo. A memória, quando compartilhada e atravessada pela consciência interseccional, deixa de ser um registro estático para se tornar semente de transformação. Assim, a revolução criadora se torna rebelião criativa na afirmação das mulheridades e na ocupação de espaços de saber antes invisibilizados, transformando produções científicas em presença política e soberania narrativa.

REFERÊNCIAS

BRUHN, M. M.; HADLER, O. H.; SILVA, P. R. A. Editorial. Resistências ontológicas e epistêmicas: O inegável corpo-ciência das mulheridades. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 34, 2026. No prelo.

hooks, b. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas arrebatadoras. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2019.



IHMOUD, S. Palestinian feminism: analytics, praxes and decolonial futures. **Feminist Anthropology**, v. 3, n. 2, p. 284-298, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/fea2.12109>. Acesso em: 15 mar. 2026.

MERUANE, L. **Tornar-se palestina**. 2ª ed. Belo Horizonte: Relicário.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix. 2012.

RIBEIRO, D. F. A decolonialidade na pesquisa e prática psicodramáticas: pela superação de epistemicídios históricos. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 31, 2023. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/596>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SILVA, P. R. A.; VOMERO, L. S. Z. Sociodrama na visibilidade trans: Estimulando o protagonismo identitário. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 33, 2025. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/693>. Acesso em: 15 mar. 2026.

TIBURI, M. O gênero do mal: A violência como assinatura identitária. **Revista Cult**, n. 327, mar. 2026.

VIDAL, G. P.; DIAS, A. R. O feminino em jogo: a concepção de mundo de mulheres gamers. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 31, 2023. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/625>. Acesso em: 15 mar. 2026.

VOMERO, L. Z. Decolonizando o conceito de reconhecimento (eu - tu). **Revista Brasileira de Psicodrama.** v.30. 1-10. 2022. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/576>. Acesso em: 15 mar. 2026.

Um olhar sobre a produção em Psicodrama no Brasil: panorama de perspectivas críticas

Érico Vieira[4]

[4] Psicodramatista Didata Supervisor, Psicólogo, Professor, Universidade Federal de Jataí, Doutor em Psicologia, ericopsi@yahoo.com.br.



Anyelle Silva de Assis[5]

RESUMO

As práticas psi atuam de alguma forma com a relação subjetividade e mundo. Dentre elas, podemos notar duas linhas de concepção. Uma vertente concebe a subjetividade como atrelada às relações familiares privadas, atribuindo papel primordial ao período da infância. Uma outra perspectiva busca considerar a subjetividade não a partir da individualidade, mas entender de que maneira os aspectos coletivos e estruturais da sociedade podem constituir as subjetividades. Questionamos se estas tensões podem ser pensadas no âmbito do Psicodrama. Pensamos que em alguns contextos ele pode ser acionado como instrumento crítico, político e transformador, favorecendo processos de emancipação e de leitura das determinações sociais. Pode, porém, ser cúmplice do assujeitamento neoliberal se estiver solidário a práticas adaptacionistas e acríticas, pouco insurgentes em relação à ordem vigente. A partir de uma pesquisa qualitativa, foi realizada uma revisão integrativa para examinar como o Psicodrama tem sido discutido na literatura recente, especialmente no que diz respeito à adoção de perspectivas críticas. Na análise dos artigos verificamos que há um grupo de estudos que consideram o compromisso social e político do Psicodrama, problematizando o contexto histórico atual. As questões sobre gênero, identidade de gênero, orientação sexual, perspectiva antirracistas aparecerem atreladas à necessidade de um Psicodrama comprometido com as injustiças sociais. Outro grupo de pesquisas realçavam as vivências intrafamiliares como principal eixo explicativo para o sofrimento dos sujeitos, sem o entrelaçamento destas experiências com o contexto social atual. Apostamos na potência do Psicodrama em sua escuta das experiências e do sofrimento com articulações com questões estruturais da sociedade. As experiências narradas e encenadas no Psicodrama expressam construções históricas, relações de poder cristalizadas, vividas nos corpos agônicos subalternizados. O Psicodrama como uma clínica política, entendendo a polis como um lugar de reconhecimento de memórias, histórias, lugar em que a história de cada um se torna visível.

Palavras-chave: Psicodrama. Assujeitamento. Perspectiva crítica. Historicidade.

1 INTRODUÇÃO

As teorias e práticas psi representam um campo diverso de formas de conceber a relação sujeito-mundo. Podemos considerar o Psicodrama como um campo híbrido que se situa nas fronteiras entre arte e ciência, entre psicologia e sociologia. Uma psicossociologia crítica, expressiva e comunitária. As práticas psi atuam de alguma forma com a relação subjetividade e mundo. Dentre elas, podemos notar duas linhas de concepção. Uma vertente concebe a subjetividade como atrelada às relações familiares privadas, atribuindo papel primordial ao período da infância. A subjetividade teria um caráter individual, universal e ahistórico, com uma consequente negligência dos aspectos sociais, culturais e políticos que a compõem. As condições concretas de vida são desconsideradas. A fronteira entre sujeito e mundo se perde, dando-se mais ênfase ao indivíduo. Uma outra perspectiva busca considerar a subjetividade não a partir da individualidade, mas entender de que maneira os aspectos coletivos e estruturais da

[5] Estudante de Psicologia, Universidade Federal de Jataí. anyelle.assis@discente.ufj.edu.br.



sociedade podem constituir as subjetividades. Esta perspectiva problematiza a complexidade das camadas de constituição do sujeito, pois "localiza a subjetividade de modo processual e imbricada a operadores ambientais, contextuais, políticos, tecnológicos e socioculturais" (SILVA; CARVALHAES, 2016, p. 248).

Estas contradições poderiam ser pensadas no âmbito do Psicodrama? Pensamos que em alguns contextos ele pode ser acionado como instrumento crítico, político e transformador, favorecendo processos de emancipação e de leitura das determinações sociais (VIEIRA, 2017). Pode, porém ser cúmplice do assujeitamento neoliberal se estiver solidário a práticas adaptacionistas e acríticas, pouco insurgentes em relação à ordem vigente (MERENGUÉ, 2024). Questionamos se o Psicodrama poderia ter se afastado de sua proposta inicial de transformação social com suas raízes críticas, populares e políticas na direção de práticas mais conformadas com as ideologias dominantes do nosso tempo (MASCARENHAS, 2020; VIEIRA, 2025).

O objetivo do presente trabalho é analisar a produção científica brasileira em Psicodrama em determinado recorte de tempo, investigando como está a adoção de perspectivas críticas nestas pesquisas mais recentes.

2 DESENVOLVIMENTO

A partir de uma pesquisa qualitativa, foi realizada uma revisão integrativa para examinar como o Psicodrama tem sido discutido na literatura recente, especialmente no que diz respeito à adoção de perspectivas críticas. Optamos pela investigação a partir da Revista Brasileira de Psicodrama por ser o principal veículo de produção de conhecimento de Psicodrama no país. Optou-se por analisar os artigos publicados nos anos de 2023 e 2024. Foram considerados artigos originais, artigos de revisão e relatos de experiência. Não foram considerados textos de resenhas de livros, editoriais e apresentações.

Para o exame das perspectivas críticas, foram buscadas as presenças de discussões relacionadas aos seguintes temas: relações de poder, gênero, orientação sexual, identidade de gênero, racismo, relações étnico-raciais, antirracismo, desigualdade social, exclusão social, iniquidades, classe social, diversidade, equidade e inclusão. Essa seleção tem como finalidade identificar a existência de perspectivas críticas e políticas nas produções analisadas, considerando a relevância desses temas para compreender processos sociais estruturantes na constituição dos sujeitos e das práticas psicológicas. E tentamos perceber se haviam estudos com perspectivas ligeiramente críticas, como forma de evitar análises dicotômicas. Ou seja, entre as duas vertentes - estudos críticos ou adaptacionistas - podem existir gradações.

Na análise dos artigos verificamos que há um grupo de estudos que consideram o compromisso social e político do Psicodrama, problematizando o contexto histórico atual. Alguns artigos trouxeram discussões explícitas sobre gênero, identidade de gênero e orientação sexual no contexto da formação em Psicologia. Havia publicações de artigos com perspectiva antirracista, articulando psicodrama e grupoterapia à crítica das estruturas sociais marcadas pelo



racismo estrutural e institucional. O uso sociodrama no Teatro Experimental do Negro (TEN), por exemplo, foi destacado em um deles. Em um dos artigos que tinha a temática antirracistas, havia a valorização da resistência comunitária e da capacidade coletiva de organização social frente à ausência ou insuficiência do Estado, destacando redes sociocomunitárias baseadas em solidariedade, cooperação e intersetorialidade. Havia a valorização dos conhecimentos populares, frequentemente invisibilizados pela racionalidade científica dominante. As questões de gênero e étnico raciais aparecem atreladas à necessidade de adoção de uma ciência comprometida, com atenção às relações de opressão presentes na experiência humana e as conservas culturais. Em um dos artigos, o teatro espontâneo como instrumento ético-político de inclusão das existências subalternizadas foi destacado.

Outro grupo de artigos que careciam de uma visão histórica e social traziam perspectivas de uma subjetividade abordada a partir da experiência individual, com uma compreensão do sofrimento psíquico vinculada às vivências pessoais e familiares. Havia um realce em promover mudanças comportamentais e emocionais. A subjetividade foi abordada a partir das experiências individuais e relacionais manifestadas nas interações grupais, sem o entrelaçamento com as estruturas macrossociais. A dinâmica intrafamiliar como principal eixo explicativo do sofrimento, compreendendo a subjetividade como produto de legados transgeracionais, lealdades invisíveis, triangulações e processos de parentificação, sem articulação com determinações sociais mais amplas. Havia, ainda, produções que traziam concepções de trauma e de cura, com a compreensão do funcionamento do sistema nervoso e com ênfase na integração entre dimensões cognitivas, emocionais e sensório-motoras.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apostamos na potência do Psicodrama em sua escuta das experiências e do sofrimento com articulações com questões estruturais da sociedade. Uma busca de reconhecimento diverso das (in)compreensões individualizantes predominantes atualmente no tecido social. Uma escuta das gêneses sociais do sofrimento em um mundo que nega essa origem social. As experiências narradas e encenadas no Psicodrama expressam construções históricas, relações de poder cristalizadas, vividas nos corpos agônicos subalternizados. O Psicodrama como uma clínica política, entendendo a polis como um lugar de reconhecimento de memórias, histórias, lugar em que a história de cada um se torna visível. Uma clínica histórica e política como espaço de expressão na qual podem emergir relatos de experiência de diversas opressões vividas: da sociedade patriarcal, da educação domesticadora, dos assujeitamentos do neoliberalismo.

REFERÊNCIAS

MASCARENHAS, P. Psicodrama Público no Centro Cultural São Paulo: mas o que é público mesmo? In: Dedomênico, A. M; Merengué, D. Por uma vida espontânea e criadora: psicodrama e política. São Paulo: Àgora, 2020, p. 93-106.



MERENGUÉ, D. O sonho como resistência. Psicodrama e Neoliberalismo. São Paulo: Àgora, 2024.

SILVA, R. B.; CARVALHAES, F. F. Psicologia e políticas públicas: impasses e reinvenções. Psicologia e Sociedade, v. 28, n. 2, p. 247-256, 2016.

VIEIRA, É. O Psicodrama e a pós-modernidade: espontaneidade como via de resistência aos poderes vigentes. Revista Brasileira de Psicodrama, v. 25, n. 01, p. 59-67, 2017.

VIEIRA, É. A distopia cotidiana dos oprimidos. Psicodrama e exclusão social. São Paulo: Àgora, 2025.



Saberes científicos e pertencimentos: caminhos entre FEBRAP e Revista Brasileira de Psicodrama

Gabriela Pereira Vidal[6]

RESUMO

A curiosidade me levou a pensar quais as proximidades entre os caminhos da Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP) e da Revista Brasileira de Psicodrama (RBP)? As crises vividas nesses nossos tempos são de fato uma novidade? Proponho que possamos caminhar na realidade suplementar a partir de narrativas e registros históricos contados na RBP para pensar nossas crises atuais e aquelas que aconteceram anteriormente, tecendo esses caminhos confluentes entre FEBRAP e RBP como produções coletivas atravessadas por contextos históricos, políticos e institucionais. Busco compreender as escolhas que levaram a FEBRAP ao apoio a RBP e se estas ainda se fazem presentes nos dias atuais, interrogando seus sentidos, continuidades e possíveis deslocamentos. Passearemos pelas dificuldades enfrentadas e narradas na RBP ao longo do tempo, e como o apoio da FEBRAP à construção e sustentação do conhecimento científico foi e se faz presente para o desenvolvimento crítico da produção de conhecimento e da formação de novas lideranças no movimento psicodramático brasileiro, evidenciando a produção científica como uma estratégia de fortalecimento do campo. FEBRAP e RBP são construções em permanente movimento, configurando-se como territórios de pertencimento, disputa e produção de sentidos, dos quais podemos não apenas pertencer, mas também construir memórias e buscar transformações.

Palavras-chave: Psicodrama. Conhecimento. Produção coletiva.

1 INTRODUÇÃO

[6] Doutoranda e Mestra em Psicologia (UFSC), Psicodramatista Didata Supervisora Orientadora (Viver Mais Psicologia) e Diretora de Publicações (FEBRAP). E-mail: gabrielavidaal@gmail.com.



Iniciei um caminho no psicodrama como a maioria: buscando um manejo e uma perspectiva teórica. Na trajetória, encontrei outras tantas possibilidades de caminhar diferentes. Entre os caminhos que me trouxeram ao hoje, está o caminho institucional vinculada a escola na qual fiz minha formação e posteriormente a diretoria de publicações da Federação Brasileira de Psicodrama - FEBRAP. Estar na diretoria da FEBRAP me trouxe outros tantos caminhos que pretendo contar aqui, tenho aprendido muito a ouvir mais antes de falar, já que são tantas as histórias que não conheço, busco caminhos diferentes a partir desse conhecimento histórico dos que já foram caminhados.

Sempre fui curiosa, curiosa demais. Essa curiosidade me faz dia após dia conhecer mais do mundo através das pessoas e dos registros. Acredito que é por isso que a escrita e as publicações me atraem tanto e me trouxeram a ocupar o papel de diretora de publicações. Esse papel passou a existir somente na gestão 2017-2018, ocupado inicialmente por Paulo Bareicha, um papel relativamente novo, mas que trouxe uma configuração importante, acompanhar as produções da federação, em especial, a Revista Brasileira de Psicodrama - RBP.

Peço que você que lê, imagine em sua realidade suplementar que estamos em um espaço de conforto, com uma bebida gostosa, ouvindo as histórias que trago sobre esse Psicodrama que vivemos hoje, mas que já caminhou por outros caminhos. Imagine que a cada citação neste texto, se une a nós um personagem também sentado contando ou ouvindo essas histórias.

Novamente minha curiosidade me levou a trazer para esta roda Paulo Bareicha, quando pergunto sobre esse momento (vantagens de ter a história viva), ele conta que o movimento do Fórum Gestor[2] da época foi da inclusão de uma diretoria de publicações voltada a divulgação de nossas produções brasileiras na RBP, na divulgação das monografias desenvolvidas nos cursos de formação e na editoria de livros. Ele percebia que a ideia era que cada gestão buscaria o que a FEBRAP espera naquele momento como publicações, implicando todas as federadas na produção e na difusão dos conteúdos em psicodrama brasileiros.

Atualmente, a RBP é o veículo oficial de publicação da FEBRAP, mantida pelos recursos desse conjunto de federadas brasileiras que se comprometem com a produção científica do psicodrama em nosso país. Escolhemos enquanto federadas a manutenção de publicações em uma revista como possibilidade de divulgação do saber científico psicodramático. Mas porque seguimos escolhendo o incentivo a produção científica?

2 DESENVOLVIMENTO: crises anteriores e desses nossos tempos

A curiosidade me levou a um texto que narra uma história importante do movimento psicodramático brasileiro e da FEBRAP (porque eles não são a mesma coisa, apesar de estarem conectados) e que relata uma “crise” vivida na época. Aqui em nossa realidade suplementar, buscamos junto com Geraldo Massaro (2012) entender o que acontecia naquele período e como



se conecta ao que ocorre atualmente. Afinal, vivemos novas crises no psicodrama brasileiro de nossos tempos.

A crise relatada na época, falava sobre valores, descuido no ensino de psicodrama na graduação, da superficialidade nos fóruns da FEBRAP, dificuldades financeiras das federadas, do esvaziamento de lideranças, dificuldades em captar alunos para as formações, o desgaste da Diretoria Executiva da FEBRAP, entre outras tensões e enfrentamentos (MASSARO, 2012). O mais curioso para mim, foi que essa crise registrada em um escrito de 2012, me parece tão próxima a que vivemos agora em 2026, com dificuldades extremamente semelhantes.

Seguimos caminhando com Geraldo em nosso imaginário, ele conta suas ideias sobre essa crise, sobre nosso psicodrama vir de fora do Brasil, trazendo marcas que não eram nossas e como a FEBRAP foi uma dessas tentativas de que o psicodrama brasileiro tivesse uma tonalidade realmente nossa. Ele conta ainda sobre um personalismo da época, que ao longo do tempo foi sendo reduzido e dando lugar a disputas entre federadas. Houveram momentos que quase levaram a FEBRAP a deixar de existir (MASSARO, 2012). Agradeço aqui aqueles que lutaram por essa federação e pelo movimento psicodramático antes de mim, uma vez que se esse movimento não existisse, eu talvez não tivesse conhecido o psicodrama em 2014.

A FEBRAP somos todos nós pertencentes a uma federada de alguma maneira. Uma aluna, uma professora ou uma coordenadora/diretora de escola federada, são também parte desse coletivo. Mas qual a relação entre essas crises e a RBP? “Estruturas não governam territórios, governam pessoas e suas relações, inclusive com as coisas. A maneira como a Febrap faz seus arranjos delineia a subjetividade psicodramática. Essas são questões importantes para todos nós, incluindo aí a própria existência da Febrap.” (MASSARO, 2012, p.176).

As crises vividas naquela época talvez não tenham terminado, ou tenham sido reformuladas para novas crises. A questão é, a nossa revista registrou todo esse caminho ao longo dos anos, os artigos contam experiências vividas pelos psicodramatistas da época, o que a FEBRAP buscava e também podemos pensar nas faltas que percebemos nas publicações, uma vez que sabemos que até hoje buscamos o acesso de alguns públicos a este espaço. A vida da RBP foi uma das formas como conseguimos concretizar essa caminhada psicodramática brasileira.

Acrescento mais uma figura a essa nossa realidade suplementar, imagine sentada de frente para nós a Heloisa Fleury, responsável por grande parte do caminho da RBP. Ela nos conta que nesse cenário, a FEBRAP tinha uma urgência em identificar e formar novas lideranças que pudessem contribuir com novos diferenciais para o psicodrama brasileiro. Ela também nos diz que o sonho era de que a RBP se tornasse um “veículo de desenvolvimento de novas demandas transformadoras que possam tensionar mudanças” e que naquele momento se entendia que construir conhecimento com base em pesquisa e aprofundamento teórico poderia



auxiliar no caminho de “um psicodrama cada vez mais alinhado com princípios democráticos, aberto à diversidade cultural do brasileiro e sintônico com a realidade atual” (FLEURY, 2012, p. 7-8).

Ter essas histórias aqui em nosso “como se” me desperta para as conversas que buscamos propor neste congresso sobre territórios, memórias e transformações. Os desejos narrados por Heloisa de que a RBP pudesse estimular reflexões ideológicas e políticas, explicitando diferenças, sensibilizando novas lideranças e referenciais para o psicodrama contemporâneo e nos confirmando como metodologia de transformação de espaços, seguem sendo fertilizados nos novos tempos da RBP e nesta gestão da FEBRAP.

Meu desejo (e meu trabalho como diretora de publicações na FEBRAP em 2025-2026) a RBP é de que possamos usar da espontaneidade-criatividade para a criação de novas conservas para este nosso momento sobre escrita e produção cientifica (VIDAL, 2024), que sejam confluentes com o caminho que queremos e com produções que reafirmem o papel de psicodramatista de forma ética e comprometida com a realidade (COELHO, 2025).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: que psicodramas estamos vivendo, ensinando e fazendo?

Por que seguimos escolhendo a manutenção da relação entre FEBRAP E RBP? Ambas seguem sendo construídas porque seus caminhos confluem. Uma revista que produz conhecimento científico de qualidade pode potencializar nosso alcance a novos alunos e fazeres psicodramáticos. Minha curiosidade me leva a pensar se ambas representam esse coletivo psicodramático em suas pluralidades de vidas, saberes e fazeres. Acredito que essa tem sido a tentativa da gestão FEBRAP 2025-2026 e da editoria da RBP. Desejo que a FEBRAP possa viver cada dia mais o avanço com um psicodrama comprometido em continuar existindo, ensinando de forma crítica e fazendo transformações sociais. Desejo também que a RBP possa ser um espaço para que possamos apresentar aquilo que vivemos (e resistimos), para que se torne cada vez mais espaço de constante ensino-aprendizado e de divulgação dos nossos fazeres transformadores.

Por fim, desejo que nós, federalizados ou não, tenhamos um compromisso ético-político com um psicodrama localizado, que se faça de forma crítica e séria, mas principalmente na busca de respeito. Que sigamos por nossos **territórios**, sabendo que o que fazemos se torna **memória** que produz novos caminhos e com isso **transformação** de nossos cenários.

REFERÊNCIAS

COELHO, Acileide Cristiane Fernandes. A orientação psicodramática: olhar crítico para uma clínica (psico) terapêutica, política e (socio)educacional. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 33, 2025. Disponível em: https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/705. Acesso em: 22 mar. 2026.



FLEURY, Heloisa. Editorial. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 20, n. 2, p. 7–9, 2012. Disponível em: https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/232. Acesso em: 22 mar. 2026.

MASSARO, Geraldo. Pequena reflexão sobre poder, Febrap e "Não deixem o samba morrer". **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 20, n. 2, p. 171–177, 2012. Disponível em: https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/277. Acesso em: 22 mar. 2026.

VIDAL, Gabriela Pereira. Caminhos de coconstrução na orientação psicodramática: tecendo entre pesquisa e escrita. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 32, 2024. Disponível em: https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/679. Acesso em: 22 mar. 2026.

